

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL: A BUSCA DA CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Augusto Rodrigues*

Ao aproximar-se o meado do século, a situação observada nas escolas brasileiras não era das mais estimulantes. Além dos obstáculos que impediam as crianças de famílias pobres de terem acesso ao sistema educacional, as que nele conseguiam entrar se deparavam com uma prática de ensino tão marcada pelo formalismo, pelos modelos repetitivos, pelos estereótipos, e tão longe de uma prática efetivamente criativa que parecia de todo pertinente a irreverente ironia de Bernard Shaw ao advertir: "limite-me a chamar a atenção para o fato de que a arte é a única forma de educar que não é tortura."

E, no entanto, essa compreensão é bastante velha. Já Platão entendia que a Arte é a forma suprema de satisfação emocional, capaz de harmonizar a realidade do homem com a realidade do universo. Outros filósofos assim também entenderam, considerando que a Arte, como ensinara o pensador grego em *A República*, deveria ser a base de toda a educação.

Mas, somente em fins do Século XIX, com o pintor e professor Cizek, de Viena, é que se procurou abrir perspectivas para uma integração efetiva e orgânica da arte na escola, demonstrando as vantagens estéticas e psicológicas de libertar o impulso criador existente em todas as crianças. Mais tarde, na Inglaterra, em meio à efervescência da 2ª Guerra Mundial, a educadora Marion Richardson revolucionava os métodos do ensino de arte em Londres, na mesma perspectiva. E isto se tornou certamente viável porque começavam a repercutir na pedagogia as contri-

buições obtidas pela teoria e pesquisa psicológicas, como observou então Herbert Read. Os velhos métodos exigiam da criança o emprego das faculdades de observação e análise ainda estranhas ao estágio de desenvolvimento mental dos pré-adolescentes. Os novos métodos, sem excluir a possibilidade de uso dessas faculdades, dependendo de cada situação concreta, enfatizavam, no entanto, a importância de se obter a satisfação da criança, ao realizar trabalhos em que explorasse, a seu modo, uma variada combinação de cores e tons, com lápis ou pincel. Enfim, tratava-se de deixar que a criança descobrisse seu próprio potencial artístico, cabendo ao professor o papel de apenas sugerir quando fosse o caso, favorecendo um clima capaz de levá-la a exteriorizar sua fantasia.

E foi precisamente da Inglaterra que, em 1941, o Brasil recebeu uma exposição de desenhos e pinturas de crianças, como mensagem de confiança no futuro do homem, então ameaçado pelo obscurantismo nazifacista.

Essa exposição itinerante impressionou os educadores e artistas brasileiros, que se sentiam tocados pela força expressiva dos trabalhos das crianças inglesas.

Um menino brasileiro, visitando a exposição acompanhado do pai comentou: "Isso eu também faço!" Entendemos bem sua reação, pois sabíamos que faltavam a essa criança, como às demais crianças em idade escolar em nosso meio, as condições indispensáveis para um expressão livre. Faltava aquele ambiente, a que se refere Herbert Read, propício ao desenvolvimento do processo criativo.

Alguns anos se passaram e essa falta de liberdade, que não permitia originalidade nem espontaneidade, foi a responsável por não terem sido aceitos os desenhos das crianças brasileiras, de escolas oficiais, na exposição do Centro Pedagógico de Milão, em 1948. Nesse mesmo ano apareceu a Escolinha de Arte do Brasil.

* Fundador e Diretor Técnico da Escolinha de Arte do Brasil.

Seus fundadores formavam um pequeno grupo de artistas e professores. Os primeiros reencontravam na manifestação infantil as fontes puras da ação; os segundos, que sentiam carência de alegria no trabalho, pela rotina imposta à escola tradicional, viram a possibilidade de ser, na classe, também eles, indivíduos criadores.

Assim, teve início a Escolinha de Arte do Brasil, como experiência marcante nos meios educacionais, por seu pioneirismo, tornando-se um movimento integrador de atividades artísticas na educação pré-escolar e no ensino básico, oferecendo à criança possibilidades de expressão global por todos os meios, sem estabelecer hierarquias ou preferências entre eles, pois se começou a admitir que esses diversos meios eram ricos de virtualidades.

PRIMEIROS PASSOS

O que caracterizou o início da experiência foi a simplicidade, sem afirmação de maiores pressupostos que não o de respeito à personalidade da criança e à valorização da arte, como expressão da própria vida. Houve mesmo, nesse período, momentos em que talvez se tenha feito uma supervalorização da arte e foi a criança, através da dinâmica do seu comportamento, que determinou a modificação na conduta dos professores. Estes passaram a ter outras preocupações além da atividade artística, procurando atender à criança de maneira mais integral.

Por outro lado, a inclusão de novas técnicas nas atividades artísticas se fazia não por uma ordenação prévia, mas por necessidades das próprias crianças. Eram freqüentes as reuniões de professores para analisar problemas como, por exemplo, a introdução de atividades com madeira para atender a uma criança agressiva.

Nos primeiros tempos, a Escolinha se hospedou num jardim que dava acesso à Biblioteca Castro Alves, instalada no prédio em que funcionava o IPASE, à rua Pedro Lessa, no Centro do Rio de Janeiro. O fato de ter sido uma experiência em campo aberto foi realmente proveitoso para nós. Muitos psicólogos, médicos e educadores, que iam à biblioteca, passaram de observadores a colaboradores da Escola. Quanto ao

problema disciplinar, de pronto nos demos conta de que a criança, atendida nos seus interesses e dando forma a seus sentimentos e idéias, adquiria o espírito de ordem, sendo a disciplina mais interior que imposta. Outra verificação foi o particular interesse que as crianças de mais idade tinham pelos desenhos das menores. Esse trabalho veio proporcionar aos maiores a compreensão de dois conceitos: o de liberdade, descoberto na própria experiência, pelo respeito que era dispensado a seus desenhos pelos professores, e a convicção de que o importante não era a fase de desenvolvimento de cada um, mas sim a alegria de criar e a tentativa de superar-se.

Por outro lado, as crianças que viviam presas a padrões de adultos, às histórias em quadrinhos ou às representações de desenhos limitados pela inibição, se transformavam em seres criadores, na experiência livre e espontânea, reforçada pela diversificação de técnicas. Mais tarde, tornando-se adolescentes, desejavam permanecer na Escolinha, o que obrigou a uma experiência mais ampla, abrangendo cursos para jovens. E a fim de que a integração se tornasse mais completa, dela vieram participar os adultos, surgindo um novo desafio: que fazer para que essas atividades e princípios não ficassem restritos aos alunos da Escolinha? Cogitou-se, então, de levar as virtualidades da experiência a outras crianças e jovens, daí resultando os cursos para professores que, a partir de 1951, não mais cessaram, com apoio do INEP, em articulação com as Secretarias de Educação dos Estados.

Na fase inicial, as dificuldades não foram pequenas. Grandes esforços foram despendidos para institucionalizar a Escolinha. Somente após quatro anos, compreendendo a necessidade de sua preservação, foi registrada como sociedade civil, com estatuto e personalidade jurídica. Então já congregava 100 pessoas, abrangendo educadores, artistas, psicólogos, pais e interessados em problemas de Arte e Educação. Em 1951, começou a difusão de suas idéias nos Estados, através dos professores que vinham participar de seus cursos.

No Rio Grande do Sul instalou-se a primeira Escolinha de Arte fora do Rio de Janeiro. A idéia se expandia no sentido da interiorização da experiência. Mas era importante não somente estendê-la às capitais como às cidades do interior.

REPERCUSSÃO DA EXPERIÊNCIA

Muitos observadores desconfiavam que a liberdade que oferecíamos à criança pudesse desajustá-la e dificultar sua integração na escola comum. Com o tempo verificou-se, todavia, que a criança, com experiência da Escolinha, amadurecia, ficando mais ajustada para receber os conhecimentos formais e aceitar certas limitações da escola tradicional. Pensavam alguns, também, que pudesse haver divergências entre a Escolinha e as escolas tradicionais e que a primeira fosse vista como um movimento de oposição a essas mesmas escolas. O problema se resolveu muito facilmente quando a Escolinha se situou como complemento às escolas em geral, o que a tornou aceita, inter-relacionando-se com a rede escolar. A Escolinha foi também confundida como centro de descoberta e preparação de futuros artistas. No entanto, através de constantes esclarecimentos, conseguimos transmitir o que ela em verdade pretendia: tornar as crianças seres felizes com respostas positivas para as situações da vida e tendo sempre em vista que um dos pressupostos da educação é levar o homem a atingir a plenitude de sua essência. Portanto, deve ela propiciar os meios para o processo de sua individuação e integração.

Claro que poderíamos admitir a hipótese de que algumas das crianças que freqüentam a Escolinha venham a se fazer artistas. E dizemos se fazer artistas porque ninguém faz o artista, senão ele próprio e com muito esforço. Aventou-se a idéia de que a Escolinha fosse, também, um "Centro de Recuperação" de crianças excepcionais, o que, em verdade, não estava previsto em suas finalidades. Muitas vieram à Escolinha indicadas por psicólogos e professores que viam naquele ambiente o mais adequado aos processos de reajustamento. Realmente não só o clima de liberdade, mas a própria arte é fator de ajustamento ou de reajustamento. Mas a função da Escolinha é essencialmente educativa e não terapêutica. Sobretudo é uma experiência a ser observada por professores e educadores em geral, para examinarem a conveniência de incorporar seus valores à escola brasileira.

Um aspecto paradoxal também deveria ser aclarado: embora defendesse a importância da integração da Arte na dinâmica do currículo esco-

lar, em seu trabalho, a Escolinha desenvolvia apenas atividades artísticas. Em verdade tínhamos uma opção a fazer: ou nos integrávamos na estrutura da escola comum — o que limitaria a experiência e poderia mesmo sufocá-la, prematuramente, devido àquela estrutura— ou ser o que ela é: uma experiência livre, campo de observação, treinamento de professores, com difusão de seus resultados. Neste sentido, permite aos professores colher aquilo que lhes pareça mais adequado à aplicação em seu próprio trabalho. Houve um impacto entre os educadores: modificando suas atitudes, eles próprios incorporaram experiências significativas e passaram a sentir a necessidade de reformulação de conceitos e ampliação de estudos no campo da Arte-Educação. Esses professores, além da observação e treinamento, começaram a participar de cursos regulares na Escolinha, destinados especialmente a educadores, a partir de 1951. Não se fez uma escola como se costuma proceder; criou-se, antes, o espírito de uma escola. O que se pretendeu e pretende atingir é fazer dela uma obra de arte. E, na dinâmica de seus cursos, a presença do artista se tornou fundamental, trazendo sua experiência aos professores-alunos que levariam da Escolinha a perspectiva de uma educação criadora.

REFLEXOS NO EXTERIOR

Em 1954, estivemos na Europa levando o resultado de nossa experiência e observando de perto as experiências mais progressistas em países do velho Continente. Nessa oportunidade participamos da fundação da *International Society for Education through Art* (INSEA). Regressando ao Brasil, compreendemos que a verdadeira direttriz seria, mantendo o contato com o Velho Mundo, nos voltarmos para a América Latina, levando em conta particularmente a identidade sócio-cultural de nossas realidades.

Sabíamos que isso era importante, porque fundamental é a união dos povos que se acham no mesmo estágio de desenvolvimento. Mantivemos contato com vários países da América Latina, especialmente Uruguai, Equador, Chile, Peru, Argentina e Paraguai. Neste último, sob os auspícios de nosso Ministério das Relações Exteriores, fundou-se há mais de dez anos a Escolinha de Arte do Paraguai. Na Argentina, várias

Escolinhas também foram criadas sob esse mesmo impulso. Uma das características dessas Escolinhas no exterior é que, estimuladas por nós e dentro dos mesmos princípios, são dirigidas por professores dos próprios países, que participaram de nossos cursos. Entendemos que ninguém melhor que eles poderia lá atuar por conhecerem o próprio meio e suas necessidades.

Com a responsabilidade da presença de professores-alunos estrangeiros e nacionais, cada vez em maior número e com maior interesse em nossa experiência, fomos estimulados e levados a dar nova estrutura ao nosso curso de atividades artísticas. Em 1959, recebemos a colaboração da professora inglesa Seonaid Robertson, da Universidade de Leeds, Inglaterra, que nos ajudou na análise dos problemas fundamentais da educação brasileira, em seu relacionamento com a educação como processo criador. Escrevendo, na época, artigo para a revista *Education Through Art*, publicada pela INSEA, sintetizou a educação artística em nosso país com estas palavras: "Não seria exagero afirmar que o ensino através da arte, tal como nós o concebemos, está ausente das escolas oficiais brasileiras. É em tal situação — estudando de modo acadêmico programas pré-estabelecidos — que se processam, necessariamente, as tentativas de um ensino criador. Os interessados neste último tipo de ensino tendem a trabalhar nos institutos para crianças retardadas ou em escolas particulares. As poucas escolas de Belas-Artes têm a oferecer, apenas, uma formação acadêmica. Alguns professores, muitos dos quais trabalharam na Escolinha, esforçam-se — apesar da incompreensão com que são olhados e o peso de uma forte tradição — em fazer com que algumas escolas e centros de pesquisas aceitem a concepção da educação como um processo criador".

AMPLIAÇÃO DOS CURSOS

No ano seguinte (1960) o curso para professores, que até então se limitava a atividades artísticas e recreativas, transformou-se em Curso de Arte na Educação, dando maior enfoque à função da criatividade no processo educativo. Em 1961, criamos o Curso Intensivo de Arte na Educação e promovemos o primeiro Seminário de Arte e Educação, reunindo educadores do Brasil e da América Latina.

A partir de 1965, nossos cursos vêm sendo ampliados em sua carga horária, integrando novos professores em seu corpo docente e concentrando áreas de estudo, a fim de melhor qualificarmos o professor para seu trabalho em classe, no ensino de 1ª e 2ª graus. Com estes cursos não visamos formar especialistas de educação artística, mas professor criativo para a educação.

Paralelamente aos cursos intensivos de Arte e Educação, a partir de 1960, começamos os estágios para educadores. A análise dessas atividades nos permitiu elaborar um programa mais intensivo. Em convênio com Universidades, com a Secretaria de Educação e Cultura do então Estado da Guanabara, com a Sociedade Pestalozzi do Brasil e com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, iniciamos uma série de outros cursos e estágios que permitiram maior inter-relacionamento da Escolinha com a comunidade.

Em consequência desse trabalho, existem hoje, no Brasil, 68 Escolinhas e centenas de escolas onde professores tentam a integração da arte no currículo como forma de dinamizá-lo. No âmbito internacional, desde seus primeiros anos de existência, a Escolinha manteve intercâmbio cultural, seja através de visitas de educadores estrangeiros ou de exposições que recebia ou enviava ao exterior. Esse intercâmbio foi sobretudo intenso com os países europeus. Para intensificá-lo, dentro e fora do país, foi instituída, em 1977, a Sociedade Brasileira de Educação através da Arte (SOBREART).

Na Escolinha, desenvolve-se um trabalho constante pela ação renovadora no campo da educação. Durante 35 anos numerosos professores passaram por nossos cursos. Experimentamos, acreditando no valor da experiência. Descobrimos formas de melhor trabalhar pela educação. Tentamos nos aproximar sempre de nossas realidades e nos inserir no meio, sem caráter de excepcionalidade, porém, como um grupo, entre outros, procurando servir ao país.

PERSPECTIVAS

As idéias em educação só adquirem vitalidade quando saem da pura

elaboração teórica para as realizações. Análise e crítica formam a constante de nosso trabalho. Sabemos que toda ação criadora é dinâmica e conseqüentemente sujeita a transformações. Os princípios em nossas Escolinhas têm sido imutáveis, particularmente os princípios de base: respeitar o homem e servir à causa da paz. Métodos e processos de trabalho, não; sobretudo se tivermos em vista que estamos longe do que sonhamos como educação do homem brasileiro. Devemos partir para um levantamento e análise das experiências que realizamos; fazer o mesmo em relação a experiências significativas, por outros realizadas; buscar incessantemente um tipo de educação, integrada nos interesses vitais da criança e do país; estruturar o trabalho de tal modo que a eficácia marque cada tipo de ação; estimular professores de todo o país e da América Latina, de modo a levá-los, através de projetos, a integrar as crianças brasileira e latino-americana nos processos sócio-econômicos e culturais do seu meio.

Para tanto, torna-se inadiável a implantação de um laboratório que funcionaria com especialistas das diversas áreas, numa perspectiva interdisciplinar, empreendendo pesquisas e experimentos tanto sobre os fenômenos educativos em sua relação com a dinâmica artística e sócio-cultural, como sobre fenômenos em que arte e ciência se acham profundamente ligadas e com reflexos na prática educativa. É por meio desse instrumento que propomos como diretriz fundamental para o Movimento de Educação através da Arte e particularmente da Escolinha de Arte do Brasil, nos próximos anos, empreender-se uma estratégia educacional que articule, num trabalho comum, os profissionais das diversas áreas científicas (médicos, sociólogos, antropólogos, psicólogos, comunicólogos, químicos, físicos, matemáticos, administradores, botânicos, geneticistas etc.) com educadores e artistas, num grande esforço para responder mais objetiva e concretamente ao desenvolvimento harmonioso das novas gerações.

Mais do que nunca, a educação tem que estar relacionada com a realidade do mundo atual em que o desenvolvimento científico-tecnológico vai determinando grandes transformações do processo educativo. Temos hoje a plena consciência de que o conhecimento aproxima o homem do

universo. Para um conhecimento mais amplo do mundo, do homem e do universo, temos que nos valer tanto da ciência como da arte, já que esta é igualmente forma de conhecimento.

A criança, na fantasia, realiza, com limitações, tudo aquilo que o homem faz pela razão. Incentivar o jogo da imaginação da criança é aumentar sua vitalidade para inserir-se no mundo do real. Ao fazê-lo, a criança busca a integração do microcosmo humano com o macrocosmo, sem perder e mesmo ampliando a dimensão do homem como ser criador, capaz de abrir janelas para o mundo que se esconde por trás das realidades imediatas.

O sonho é uma realidade para a criança e essa realidade onírica, que alimenta a fabulação infantil, também alimenta o pensamento científico, hoje enfatizado nas implicações da tecnologia espacial.

O impacto criado pela tecnologia, no sentido de vencer os obstáculos para chegar à circulação interastral, vai determinar profundas mudanças na filosofia e nos processos da educação, particularmente se temos em vista que nós, antecedentes da era atômica, somos mais espectadores que participantes. As crianças e os jovens de hoje devem ser preparados para criar e utilizar os meios que levarão o homem, pela ciência e pela arte, à compreensão do universo.

Todavia, para que essa conquista do espaço pela tecnologia alcance um significado realmente humano, será necessário que se complete pela conquista interior do próprio homem, de modo que o respeito à pessoa, à liberdade, à verdade e à causa da paz, vá além de expressões discursivas, elevando-se ao plano das realidades defendidas e vividas por todos os homens, por todos os povos.

Sabemos que há uma necessidade fantástica de tornar a criança tão livre quanto imaginamos, em sonho, nossa própria liberdade. E essa liberdade é uma conquista obtida a duras penas. É preciso, pois, ajudar a criança a se libertar das forças coercitivas que a cercam para que ela, em verdade, se torne um ser livre, criador e, mais tarde, como adulto, possa estar harmonizada interiormente, em condições de superar e minorar a

agressividade existente no mundo atual. E que venha a ser um artífice da paz, um escudo contra a violência.

É um programa de trabalho, para educadores, atender a esse desafio dos

tempos de hoje.

Como palavra final, enfatizamos a nossa crença no homem. Ele é capaz de realizar, pela educação, seu destino de ser construtivo e criador.